ARQUITETURA DE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO XX EM MINAS GERAIS*

*Ivo Porto de Menezes***

As novas concepções artísticas que se espalhavam pela Europa em princípios do século XIX não tardaram a chegar ao Brasil. Minas Gerais, que já se ressentia do declínio da exploração do ouro, viu chegar essas novas idéias em fase de pouca produção artística, pela ausência de prosperidade econômica. Talvez a primeira e mais importante manifestação do neoclassicismo tenha sido o projeto do governador Luiz da Cunha e Menezes, construído em Vila Rica para a sede da Casa de Câmara e Cadeia, hoje ocupado pelo Museu da Inconfidência.[1]

As últimas manifestações do barroco mineiro, no entanto, ainda estão sendo executadas durante o início e até quase os meados do século XIX.[2]

Enquanto no Rio de Janeiro, pela presença da Corte, e em São Paulo, pelo crescimento das exportações de café, os edifícios são construídos dentro dos novos padrões, em Minas Gerais a estagnação se faz sentir, mormente quando se compara ao ciclo do ouro.

Um novo alento foi, para a arquitetura, a construção e transferência da capital do Estado de Minas Gerais para Belo Horizonte, trazendo consigo a necessidade de novas obras, onde se pudessem aplicar as novas concepções adquiridas, agora sim, em escolas.

---

* Capítulo do livro **Belo Horizonte – residências – arquitetura.** (no prelo)

** Arquiteto, Professor da Escola de Arquitetura da UFMG e da Escola de Minas da UFOP, Doutor pela Escola de Minas da Universidade do Brasil.

[1] BARRETO, Paulo Thedim. Casas de câmara e cadeia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 11.

[2] Veja-se, por exemplo: MENEZES, Ivo Porto. **Manoel da Costa Ataíde**. Belo Horizonte: EA-UFMG, [s.d.].

Figura 1 – Rua Gonçalves Dias 1.316. Demolida. Pilares estriados e lisos, capitel coríntio, festões, frontão curvo com volutas, varanda lateral como era costume.

De fato, um dos elementos marcantes da nova arquitetura que se implantava era exatamente o aprendizado acadêmico das artes, que deixara de ser feito no *atelier*, passado de pai a filho ou de oficial a aprendiz, para ser ensinado nos bancos escolares, sob a forma de teoria e prática. A conseqüência se fez logo sentir, através do conhecimento das obras executadas em épocas mais remotas e dos estudos de Vitrúvio ou de Viollet-le-Duc, entre outros.[3] Desse conhecimento adveio a tentativa de fazer renascer as arquiteturas chamadas clássicas, grega e romana, e o gótico como símbolo de uma fase da arquitetura religiosa. Do conhecimento à aplicação foi um passo, dado imediatamente pelos ar-

[3] LYNTON, Robert. Arte moderna; o mundo da arte. In: ENCICLOPÉDIA das Artes Plásticas em Todos os Tempos. [s. l.]: José Olympio Ed., [s. d.]. p. 39.

Figura 2 – Rua Sergipe (entre Bernardo Guimarães e Gonçalves Dias). A fachada, obediente ao alinhamento, apresenta janelas de verga de arco apontado, varanda lateral e curioso chalé recuado. Projeto de Joze Lapertoza, 1912, propriedade de D. Helena Penna.

quitetos ou desenhistas, que compunham fachadas, preocupados mais em dar-lhes um *estilo* do que compô-las harmonicamente com o restante do edifício. Elementos tirados daquelas arquiteturas estariam presentes na fachada da rua, pois cumpria mostrar o *moderno*. As ordens, os ornatos, os arcos daquelas passadas eras eram reformulados em grandeza, para dar-lhes possibilidade de se apresentarem em fachadas de modestas residências de funcionários. São colunas, estriadas ou lisas, de capitel, principalmente da Ordem Compósita, por mais decorada, são os frontões sobre as janelas ou coroando a fachada, são os coruchéus, antefixos e acrotérios, é o arco pleno, os entablamentos, os dentículos. Era, então, o neoclássico, como hoje o denominamos (Fig. 1). Os estudos de Viollet-le-Duc sobre a arquitetura gótica iriam influenciar sobremaneira o emprego daquela arquitetura, principalmente na arte religiosa, não deixando, no entanto, de se mesclar na arquitetura residencial, embora modestamente – é o neogótico. Aparecem, em especial, os arcos de lanceta (Fig. 2). Diversos outros estilos do passado fornecem elementos para novas composições: ameias, arabescos, bilros, vergas colchetes, festões, lambrequins, mouriscados, etc. Sequer tiveram

Figura 3 – Rua Niquelina 97. A decoração da fachada é livre, a varanda de recortados na viga, as preciosas pinturas no alpendre, executadas por Aristides Agretti.

uma preocupação de purismo estilístico, permitindo o emprego simultâneo de elementos de variados estilos numa mesma composição, dando origem ao que hoje denominamos ecletismo. De tal forma desenvolveu-se que hoje, ao verificarmos os trabalhos executados, torna-se difícil classificar como neoclássica uma obra, já que a análise dos elementos componentes e principalmente decorativos mostra a miscigenação dos estilos, o ecletismo, enfim, da composição, cujo exemplo marcante foi a Exposição de 1908, no Rio de Janeiro.[4]

Por outro lado, preocupando-se o arquiteto apenas com a fachada da rua, deixou ao mestre de obra a composição e execução das fachadas laterais e posteriores. Influenciado pela principal preocupação do bem construir, não tendo freqüentado academia que lhe impusesse o novo

[4] REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, [s. d.].

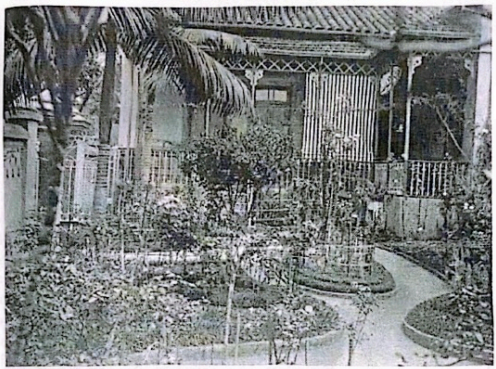

Figura 4 – Rua Paraíba. Propriedade do Sr. Pelicano Frade, projetada por Luiz Olivieri em 1915, apresenta seu bem cuidado jardim de canteiros recurvados e delimitados.

estilo, recebendo e empregando materiais novos que lhe eram fornecidos pela incipiente indústria, ou pela importação, deixava-se levar pela sua tradicional formação de *atelier* e executava uma arquitetura sadia, inspirada no útil. A lateral era construída sem preocupação estilística, paredes lisas, beiral de madeira e boa distribuição dos vãos. Ali aparecia o alpendre sustentado por esbeltas colunas e em cujas paredes executavam os pintores paisagens e marinhas, principalmente. (Fig. 3)

A essa arquitetura aliou-se o jardim lateral a compor ambiente agradável à vivência da família, com seus canteiros de formas variadas, viveiros, caramanchões e pombais, com suas flores e folhagens. (Fig. 4)

Segue-se o voltar das empenas para a fachada nas casas já recuadas, nos chalés, inspirados nas estações da estrada de ferro que chegava, levando, muitas vezes, decoração de variada inspiração.[5]

[5] *Apenas esse estilo arquitetônico era destoado por um ou outro chalé suíço, cujo modelo havia sido trazido para Minas pelos colonos alemães, contratados por Mariano Procópio Ferreira Lage, quando empreendeu construir a famosa rodovia União e Indústria, de Juiz de Fora a Petrópolis, aí por volta de 1860.* (BARRETO, Abílio. **Resumo histórico de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: [s. n.], [s. d.]. p. 191.)

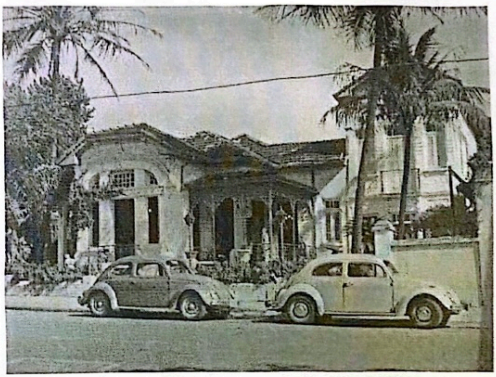

Figura 5 – Rua Pernambuco 732. Demolida. Propriedade do relator do primeiro projeto de preservação do patrimônio brasileiro, Dr. Jair Lins. Movimenta-se a fachada com volumes ao alto e ao longo, aligeirando-se os telhados dos alpendres com os entrelaçados de sustentação e delgadas colunas de ferro. Tudo é levado a uma busca de perfeição, conforme novos conceitos chegados da Europa.

Por essa época, alguns arquitetos passam a preocupar-se mais com o jogo das massas do que com seu detalhe, procurando compor não mais planos de fachada, mas volumes, criando-os e desenvolvendo-os em formas geométricas variadas, jogando-as no espaço harmoniosamente, complementando-as, romanticamente, pela quebra de seus ângulos salientes, decorando-as em pontos específicos e retomando o detalhe, para dar-lhes nova forma, mais suave e movimentada; é o *art nouveau* que surge. São corpos cheios, contrastados com o vazio dos alpendres, já agora voltados para a fachada principal e, para isso, as casas se afastam do alinhamento, guardando o recuo mínimo exigido pela Prefeitura.[6] São corpos altos em torreões, a equilibrar com o corpo do edifício, longo e baixo (Fig. 5). São pinásios recurvados em janelas retangulares ou mesmo acréscimos laterais, à feição de bandeira, em composições curvas, senão circulares, de janelas também retangulares. É a decoração, enfim, na argamassa, inspirada em folhas ou animais estilizados. É

[6] *Nesse período, quebrando a monotonia do estilo das construções antigas, surgiu o bungalow com os seus três metros mínimos de pé direito e que, dentro em pouco, se espalhavam por toda a cidade, já entrando em moda o recuo dos prédios, para cederem lugar aos jardins à frente.* (Barreto, Abílio, op. cit., p. 191)

Figura 6 – Rua da Bahia 1.768. Demolida. Propriedade do construtor Alvimar Carneiro de Resende, projeto de Carlos C. Santos, 1926. Pretendia-se inspiração no colonial brasileiro, mas não era este realmente o caminho a seguir.

o ressurgimento do romantismo, o que sentimos nas borboletas e libélulas transparentes das pinturas e vitrais, nas fontes, grutas e quiosques dos jardins. No interior das casas, a par das pinturas de forro e paredes, tão transparentes e delicadas, são móveis curvos, com seus vidros tratados em motivos ornamentais, florísticos, as saleiras, fruteiras e tinteiros. As escadas, parapeitos e pilares recebem decorações a gosto. É o requinte que tenta ressurgir uma época do passado, o esplendor dos Luízes.

Se se pensa em inspiração no passado, que se procure inspirar-se no que é nosso. É um movimento novo que surge no Brasil, tentando interpretar as lições de Ricardo Severo, sob a liderança de José Mariano Filho, integrada por Lúcio Costa (que posteriormente se afastou) e que, pensando valorizar o passado barroco brasileiro, nele quer buscar sua inspiração – é o neocolonial (Fig. 6). Esqueceram-se de que "na proporção é que reside a boa perfeição de nossas obras", já dizia o poeta inconfidente, e não no copiar simples de desenhos e azulejos, chafarizes ou torças colunas.

A Semana de 22 já tinha acontecido, mas aqui sua repercussão chega tardia e timidamente. Buscam-se uma simplificação das formas, uma estilização da decoração, um acabamento diverso do normalmente usado. É o neoplasticismo que se mostra, recompondo não só fachadas modificadas nas antigas residências, senão e principalmente nas novas construções, concebidas em volumes singelos, no jogo dos vãos e cheios, no avançar das lajes, nas esbeltas colunas. Novo material se usa no acabamento, queremos crer que somente em nossa capital e redondezas: é o pó de pedra, técnica especial de nossos mestres de obra, pelo

Figura 7 – Rua Pernambuco 1.136. Demolida. O bom caminho estava na composição limpa, despojada, nem por isso menos válida, nos volumes bem definidos, na proporção.

que muito se confunde tal modo de projetar e construir, chamadas as edificações de *estilo pó de pedra*. (Fig. 7)

Eis que, finalmente, chegam até nós novos conceitos de arquitetura: *Précisions, Vers une architecture* são lidos e compreendidos ou até mal compreendidos; as lições de Lúcio Costa são seguidas. Pampulha é projetada e construída; Casa de Pedro Aleixo e da Rua Araguari são novidades. É uma nova face da arquitetura.

BELO HORIZONTE – A NOVA CAPITAL

A mudança de funcionários de diversas categorias, de Ouro Preto para a nova capital, exigiu a construção imediata de vários tipos de residências. Fixou a Comissão Construtora da Nova Capital sete tipos,[7] executando, posteriormente, seis tipos, conhecidos pelas letras A a F, correspondendo o tipo A ao mais modesto, crescendo em tamanho e valor.

[7] COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL. **Revista Geral dos Trabalhos**, Belo Horizonte: [s. n.], 1895. p. 14.

Embora os projetos originais das casas para funcionários provenientes da "3ª secção – Arquitetura", da 3ª Divisão "Escriptorio Técnico" da Comissão, segundo fomos informados, encontrar-se-iam nos Estados Unidos decorando residência, os "Typos de casas para operários"– A, B, C, A', B', C' se encontram no Museu Histórico Abílio Barreto. Verifica-se uma constância na execução de algumas fachadas ainda existentes em Belo Horizonte.[8] O atendimento a funcionários mais categorizados ou a procura de outras soluções nos levam a fachadas as mais diversas.

Residências especiais foram construídas, em 1897, para os Secretários e Auxiliares Imediatos do Governo do Estado, tendo sido executadas três residências na avenida João Pinheiro, então avenida da Liberdade e uma na Rua Bernardo Guimarães.[9] Eram edificações bastante recuadas do alinhamento, janela sacada no centro da fachada, ladeada por duas janelas de cada lado, construída sobre porão utilizável em parte. O acesso era feito por escada em alpendre lateral. A fachada é tratada à feição de pedra, obtida na argamassa, friso superior a apoiar a mão francesa trabalhada, de sustentação do beiral de tábuas de friso. Completada uma delas por corpo avarandado (que a uniu à antiga casa do Dr. Afonso Pena), transformou-se no Grupo Escolar (atual Escola Estadual) Afonso Pena, na avenida João Pinheiro 450.

A residência destinada ao Secretário das Finanças, hoje ocupada pelo Arquivo Público Mineiro, é anteriormente ampliada para abrigar a Prefeitura Municipal. Constitui-se de fachada de frontão triangular a cobrir a parte central, entre platibandas trabalhadas. A janela central superior é de arco asa-de-cesto, parede tratada na argamassa à feição de pedra.

A terceira, da avenida da Liberdade, hoje avenida João Pinheiro e que se destinava ao Secretário da Agricultura, foi, posteriormente, ampliada para a frente até o alinhamento da avenida, para nele se abrigar o Senado Mineiro e, posteriormente, ocupada pela Pagadoria da Capital,

[8] Rua Uberlândia 621, Rua Ceará 1.152, Rua Tomé de Souza 576, Rua Inconfidentes 926 (demolida), Rua Paraíba 1.441, Rua Cláudio Manoel 918, Rua Rio Grande do Norte 1.359.

[9] BARRETO, Abílio, op. cit., p.137. Custaram ao Estado, segundo o autor, Cr$ 800.000,00 (valor em 1950, queremos crer).

Figura 8 – Rua Alagoas 813. Demolida. Fachadas no alinhamento, longo alpendre lateral, jardins e caramanchões, canteiros e pomares, lembranças agradáveis de saudável infância.

servindo agora de abrigo ao Museu Mineiro.

A quarta residência, construída para os auxiliares imediatos do governo do Estado, dentro do mesmo espírito arquitetônico, está na Rua Bernardo Guimarães. Destinada ao Chefe de Polícia, foi ocupada posteriormente por dependências da Guarda Civil e hoje é dependência da Escola Estadual Ordem e Progresso.

A preocupação maior dos arquitetos desta fase, sendo com a fachada, torna-se imperiosa a presença de fachada para a rua como elemento totalmente diverso do restante da habitação. Era a fachada neoclássica, a fachada *de estilo*, em contraposição às fachadas laterais e posteriores.

Em lotes de 10 a 12 metros de frente, por 40 a 60 metros de fundo, locava-se a casa no alinhamento da rua, bem junto ao passeio, para nela se instalar uma fachada trabalhada, que se impusesse, enquanto a lateral e os fundos eram livres para produzir uma verdadeira e boa arquitetura, incluindo jardins e pomares agradáveis, para os quais aos funcionários foi facilitada a aquisição de mais um lote ao lado.

A preocupação decorativa se localizava na fachada fronteira, alpendre de acesso, sala de visitas e de jantar, deixando-se, para acabamento sim-

Figura 9 – Rua Aimorés 628. Ainda podemos apreciar a inventiva do fachadista, a leveza do alpendre com seu tapete de ladrilho hidráulico.

ples, todo o resto da edificação. Exceções devem confirmar o geral, pelo aparecimento de casas igualmente tratadas com esmero, da fachada à porta da cozinha.[10]

As fachadas em si apresentam os mais variados matizes (Fig. 8), agregando-se elementos, numa composição harmonizadora, surpreendendo-nos quando pensamos classificá-las dentro de um estilo único, tal a variedade de elementos decorativos usados em um mesmo conjunto. Melhor seria classificá-las como integrantes do ecletismo dominante à época (Fig. 9).[11] Verdade é que algumas procuram guardar os preceitos do fachadismo neoclássico.[12]

[10] Rua Itapecerica 579 (descaracterizada), Rua Aimorés 1.451, Rua Pernambuco 1.078 (demolida), Rua Guajajaras (Palacete Steckel – depois Reitoria da UFMG – demolida), Rua Sergipe 440.

[11] Rua Espírito Santo 1.634 (demolida). Veja-se, a propósito, o livro **O problema das habitações no Rio**, pelo Engº Arquiteto Enéas Marini, com *260 projectos de prédios de um pavimento, de todos os estylos, preços, tamanhos e configuração, 300 projectos de prédios de dois e mais pavimentos, de todos os estylos, preços, tamanhos e configuração, 1 projecto e descripção de um predio giratório*, e *2 projectos de Coretos para praças públicas*.

[12] Avenida Alvares Cabral 414 (demolida), Rua Gonçalves Dias 1.316 (demolida), Rua Araguari 1.943, Avenida João Pinheiro 164.

Os projetos e as construções mostram-nos fachadas um tanto amarradas ao neoclassicismo pela marcação dos apilarados, muitas vezes estriados, pelas cimalhas coroadas em platibandas, pelo arco pleno das vergas e vergas de nível, pelas sugestões de cantaria, para logo em seguida deixar-se influenciar pela "*arte nova*" que se fazia presente na Europa, recebendo decorações "*a gosto*". Embora muitas vezes ainda mantivessem o suporte neoclássico de apilarados, cimalhas, platibandas.[13]

Pouco a pouco, novas concepções da habitação vão sendo absorvidas, exigindo-se seu afastamento do alinhamento da rua, para inserir-se em jardins circundantes. A fachada ou as fachadas ganham nova dimensão, perdendo sua carranca neoclássica, para voltar a empena para a rua, num tratamento mais romântico dos lambrequins a acabar os beirais, aqui já permitidos na fachada, a comporem os chalés.[14] As varandas já se revelam na fachada, compondo com corpos cheios que recebem o tratamento adequado ao estilo.[15]

Compõe-se, finalmente, não mais uma fachada para uma planta qualquer, mas um todo, integral, residência. Os cômodos são tratados não mais em superfície, mas em volume, tomando formas que se refletem num todo harmonioso e arquitetonicamente composto. Verdade é que recebem decoração em suas fachadas, mas como complemento, não mais como imposição.[16]

Assim é que, ao percorrermos as fachadas das residências da época da construção da capital ou das primeiras décadas do século XX, vamos encontrá-las simples ou com elementos como festões e arranjos florais, influenciadas pelo "*art nouveau*"[17] (Fig. 10), janelas de vergas de lanceta

[13] Rua Pernambuco 380, Rua Bernardo Guimarães 733 (projeto), Praça da Liberdade 317.
[14] Rua Cláudio Manoel 1.185 (modificada) e Rua Alagoas 736 (demolida).
[15] Rua Tomé de Souza esquina de Avenida Cristóvão Colombo (demolida), Avenida Cristóvão Colombo 336, Rua Sapucaí 245 e Rua Padre Eustáquio 230.
[16] Rua Pernambuco 1.078 (demolida), Praça Diogo de Vasconcelos 288 (demolida), Rua Padre Eustáquio 230 (modificada), Avenida Getúlio Vargas 923 (demolida), Rua Cláudio Manoel 662 (demolida) e Avenida Afonso Pena 2.679 (demolida).
[17] Praça Diogo de Vasconcelos 288 – residência do Dr. Argemiro Resende Costa (demolida).

a par de outras de arco pleno,[18] parte central em platibanda e colunatas neoclássicas com seguimentos laterais em beirais de trabalhados lambrequins e mãos francesas,[19] vergas de colchete, entre apilarado e cimalhas curvas,[20] pilares de capitel jônico em janelas, coroados de platibanda vazada[21] ou cheia, com conchóides superiores e volutas barrocas a comporem elemento central de arranjos florais,[22] coroamento central em decoração *art nouveau*[23] e mesmo armas da República[24] e outros emblemas.[25] Soluções mouriscas são adotadas na decoração pela presença de pinturas de variado colorido.[26] Ameias são utilizadas na platibanda,[27] a par de fachada de influência neoclássica.

Composições as mais variadas podem ainda serem vistas, onde entram ameias diminutas, óculos decorados, colunas, mísulas e mesmo figuras (Fig. 9),[28] a par de varandas leves e funcionais, influências muitas vezes do academismo francês.

Quando o corpo principal levava sua fachada de estilo, são poucos os alpendres fronteiros, alguns também em estilo,[29] outros em leves com-

[18] Rua Goitacazes 173 (demolida), Rua Tamoios 598 (demolida) e Rua Sapucaí 245 (lanceta sugerida na argamassa).
[19] Rua Guajajaras 314 – residência do prefeito Bernardo Monteiro (demolida).
[20] Rua Piauí 1.553 (demolida).
[21] Rua Bernardo Guimarães 1.200 – residência do Desembargador Antônio Augusto Veloso.
[22] Rua Alagoas 637 (demolida).
[23] Rua Gonçalves Dias 344, Rua Curitiba 824 – residência do construtor Jayme Salse, 1907 (demolida).
[24] Rua Ceará 490 (demolida em 1961), Rua Timbiras 1.228, Rua da Bahia 1.416 – talvez casas construídas para funcionários federais como as 23 casas para funcionários dos Correios, contratadas e construídas por Jayme Salse (informação de seu filho Engº Jayme Salse Júnior). Foram construídos 5 tipos de casas, nos valores de 12:000$000, 10:000$000, 8:000$000, 5:000$000 e 3:000$000, os 3 primeiros tipos em qualquer bairro e os últimos nos quarteirões 30 a 33 da 7ª Seção Urbana, entre as ruas Cláudio Manoel, Bernardo Guimarães, Maranhão e Avenida do Contorno – relatório do prefeito ao Conselho Deliberativo, em 23/09/1907, Arquivo Público Mineiro.
[25] Rua da Bahia 1.635 (Polícia Civil).
[26] Rua Tamoios 598 (demolida).
[27] Avenida João Pinheiro 190 (demolida), Avenida Afonso Pena esquina de Rua Tupinambás – casa do Coronel Júlio César Pinto Coelho (demolida), Rua Aimorés 621, Rua Tomé de Souza 576 e Rua Ceará 1.152.
[28] Rua Aimorés 628 e Rua Araguari 209.
[29] Rua Bernardo Guimarães 1.200 – residência do Desembargador Antônio Augusto Veloso, Rua Santa Rita Durão 1.263 – inferior em estilo, superior em ferro.

Figura 10 – Rua Varginha. Encompridada torre, decoradas paredes a envolver as janelas, modificações por certo na fachada contínua. Composição bem diferente.

posições de ferro e madeira.[30] Corpos salientes simétricos ladeavam alpendres, descobertos uns, cobertos em toldos metálicos em balanço e vidro outros,[31] com alpendres de colunas de ferro e cobertura de madeira e telha, ainda outros. Esses alpendres centrais eram vedados por guarda-corpo de balaústres de cimento ou grades de ferro; sobre a cumeeira do telhado da casa, ocorre decoração em ferro trabalhado, algumas vezes possuindo, em seus extremos, pára-raios.

Decorativas eram as jardineiras, de acabamento superior em composições florais, colocadas no peitoril externo das janelas da fachada. Sen-

[30] Rua Tomé de Souza esquina de Avenida Cristóvão Colombo (demolida), Avenida Cristóvão Colombo 336, Rua Bernardo Guimarães 1.592 (demolida), Rua Padre Eustáquio 230 (modificada), Rua Gonçalves Dias 1.218 (trabalho especial em ferro) e Rua Varginha 244.

[31] Avenida Cristóvão Colombo 84 (demolida).

do as casas construídas um pouco elevadas dos terrenos, são abertas suas paredes externas, em vãos de diminutas dimensões ou maiores, para permitirem a ventilação das madeiras dos sobrados, apresentando, na fachada, embasamento de revestimento de pedra ou argamassa à feição. Nos vãos, aparecem os gradeados de desenhos geométricos ou *a gosto*.[32]

Não muito comuns são os sobrados com corpo avançado no alinhamento e alpendre lateral (Rua Bernardo Guimarães 1.592 – demolida), algumas vezes envidraçado como na Rua Ceará 2.006 (demolida). Torreões aparecem em algumas fachadas.[33] (Fig. 10)

As casas de esquina apresentam-se em dois corpos paralelos às ruas, recuadas ou no alinhamento, tratadas em neoclássico, circundando-as alpendre de elementos de ferro e cobertura de madeira e telha[34] ou coberto de cúpula de ardósia ou folha metálica, como a da Família Carvalho de Brito à Rua Espírito Santo 834 (demolida), aparecendo ainda alguns alpendres descobertos,[35] ou mesmo cúpulas a terminarem alpendres.[36]

Torna-se imperioso citar a presença de datas e iniciais nos coroamentos das fachadas, a lembrar o seu primeiro proprietário e a época de sua construção.[37]

[32] Rua Guajajaras 365 (demolida) e Rua Sapucaí 445.

[33] Rua Sapucaí esquina de Silva Jardim (demolida), Rua Varginha 210, Rua Guarani 285 (demolida), Rua Guajajaras 591 (demolida), Praça Tiradentes 278 (demolida), Rua Bernardo Guimarães 646 e Rua Sergipe 440.

[34] Avenida Álvares Cabral 476 (demolida) e Rua Sapucaí esquina de Tabajaras (demolida).

[35] Rua Tamoios 300 (demolida), onde funcionou, por algum tempo a Escola de Arquitetura da UFMG.

[36] Rua Gonçalves Dias esquina de Avenida Brasil (demolida – hoje CPRM) e Rua Itapecerica 579 (modificada).

[37] Rua Guajajaras 365 (1891 – demolida), Rua Alagoas 637 (1898 – PS = Pedro Sigaud – demolida), Rua Rio Grande do Norte 360 (1900 – demolida), Rua Rio de Janeiro 1063 (1903 – demolida), Rua Piauí 742 (1907 – demolida), Avenida Assis Chateaubriand 577 (1910), Rua Itapecerica 595 (1911), Rua Araguari 209 (1912), Rua Bernardo Guimarães 1.592 (1914 – Vila Mariana – demolida), Rua Ceará 1.029 (1914 – demolida), Rua Lavras 47 (1914 – Vila Geralda), Rua Padre Eustáquio 310 (1914), Rua Célio de Castro 176 (1915), Rua dos Otoni 745 (1915), Rua Tupis 329 (5 – 1916 – demolida), Rua Lavras 1 (1919), Avenida Assis Chateaubriand 351 (1921 – demolida), Rua Araguari 234 (1923 – demolida), Rua Patrocínio 467 (1924 – JSB – demolida), Rua Guajajaras 314 (BM = Bernardo Monteiro – demolida), Rua Paraíba 976 (PF = Pelicano

Compõe-se, algumas vezes, a fachada com elementos de revestimento como azulejos, principalmente coloridos, geralmente importados,[38] algumas vezes ressaltando decorativamente composições de tijolo.[39]

Cumpre lembrar a presença de casas recuadas do alinhamento, de feição mais livre, menos clássica, desviando-se os arquitetos ou *desenhistas-arquitetos* da linha de fachadas neoclássicas, para comporem em vários corpos.[40] (Fig. 10)

Algumas apresentam decoração em ressalto da parede, parte coberta em pavilhão com acrotério, janela de vidro de variada forma, decoração de festões, mãos francesas no beiral, emparelhando-se com alpendre de suportes de ferro ou de madeira, treliças recortadas em formas variadas,[41] podendo levar a terminar o beiral, recortados lambrequins, que chegamos a apreciar na Rua Pouso Alegre 884 (demolida). Chalés de fachada decorada na argamassa, lambrequins no beiral,[42] de varanda fronteira com empena de madeira recortada em arabescos,[43] ou ainda chalés de construção mais simples[44] espalhavam-se pela cidade.

Frade), Rua Prof. Morais 158 (PC = Pedro César de Lima), Rua Tomé de Souza esquina de Avenida Cristóvão Colombo (CA – demolida), Rua da Bahia 937 (CL), Rua Prof. Morais 733 (AV), Rua Sergipe 440 (Vila Silvestre – demolida), Rua Alagoas 145 (BC ou CB), Rua Rio Grande do Norte 862 (TS ou ST). Exceção são as casas da Rua Itapecerica 579, onde embora a data (1930) se encontre na fachada, as iniciais (JA) se encontram na soleira da porta da cozinha e a casa da Avenida Afonso Pena 2.679, cuja data (1914) se encontrava (demolida em 1960) no primeiro degrau da escada fronteira.

[38] Avenida Cristóvão Colombo 282, Rua Cláudio Manoel 282, Rua Sapucaí 445, Rua Gonçalves Dias 445 (demolida) e Rua Sapucaí esquina de Rua Tabajaras (demolida). Importados da Bélgica (Odenthal & Cie, Bruxelas) e Espanha (Butsens y Fradera, Barcelona).

[39] Rua Inconfidentes 928 (demolida), Rua Padre Eustáquio 230 (modificada), Rua Varginha 210, Rua Cláudio Manoel 918, Rua Rio Grande do Norte 1.359, Rua Paraíba 1.441.

[40] Rua Sergipe 440, Rua Gonçalves Dias esquina de Avenida Brasil (demolida) e Avenida Getúlio Vargas 1.280 (demolida).

[41] Avenida Afonso Pena 2.898 (demolida), Rua Cláudio Manoel 662 (demolida), Rua Sergipe 457, Avenida Afonso Pena 2.483 e Avenida Afonso Pena 2.679 (demolida).

[42] Rua Cláudio Manoel 1.185 (totalmente modificada pelo projeto de Edgar Nascentes Coelho, aprovado em 03/11/1915 sob o n. 139).

[43] Rua Alagoas 736 (demolida), Rua Sergipe contra esquina de Rua Timbiras (demolida) e Avenida Assis Chateaubriand 55.

[44] Rua Rio de Janeiro 2.753 e 2.763. Lembra-se, ainda, o conjunto popular, talvez o primeiro de Belo Horizonte, constituído de cerca de 10 chalés, no quarteirão compreendido entre as Ruas Levindo Lopes, Tomé de Souza, Sergipe e Antônio de Albuquerque.

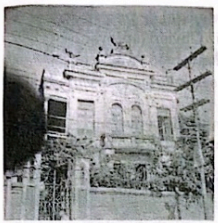

Figura 11 – Rua Itapecerica 579. Tombamento provisório, pressões políticas fortes, cancelamento do tombamento com conseqüente e urgente descaracterização. À fachada trabalhada e enobrecida com a loba e as águias romanas, às grades e delicados portões *art nouveau*, seguia-se pintura em todos os forros, cenas de Veneza pintadas nas paredes da sala principal, azulejos coloridos em relevo, enfim, cuidadoso acabamento de seu proprietário e construtor.

Também recuados são os sobrados de porta central inferior e sacada isolada superior, ladeadas por duas janelas, fachada lisa coberta por beiral de altas mãos francesas,[45] como também casas obedecendo a tipos da Comissão Construtora, mas especialmente autorizadas para se afastarem do alinhamento, como na residência do Prof. Francisco Amedée Peret, na Rua Pernambuco 596 (demolida).

Não muito comuns são os alpendres circundantes, a comporem as fachadas, como exemplar demolido à Praça Diogo de Vasconcelos (Av. Cristóvão Colombo 148). Certamente no mesmo espírito eram as chácaras construídas na zona suburbana, de alpendres abrangendo parte da fachada principal e parte, ou toda a lateral, como as casas da Rua Lavras 47 (Vila Geralda) e 62, com entrada posteriormente pela Rua Orange 91.

Exemplares que merecem citação especial são:

1º) A residência da Rua Itapecerica 579 (descaracterizada), pelo apuro de tratamento da fachada, que, a se constituir em neoclássico, foi acrescida de elementos típicos de inspiração romana. No centro, sobre a platibanda superior, foi colocada escultura da loba romana, enquanto nas extremidades foram colocadas as simbólicas águias romanas, que também se encontram pousadas, de asas abertas, em pilares de alvenaria do gradil fronteiro (Fig. 11);

[45] Avenida Afonso Pena 1.846 e Rua Pernambuco 162.

2º) A casa da Rua Pernambuco 1078 (demolida) de propriedade do Sr. José de Oliveira Costa, projeto de Luiz Olivieri (aprovado em 1907), deve também ser citada pelo acabamento, não só de suas fachadas, com decoração *art nouveau*, senão de seu interior, com variadas pinturas e decoração;

3º) A casa da Praça da Liberdade 317, conhecida como Palacete Dantas, projeto de Luiz Olivieri, cuja fachada reflete bem o espírito da época, mostrando apuro de composição e detalhes, interior bastante cuidado, bastando ressaltar-se o piso e forro da sala nobre;

4º) A casa da Rua Rio Grande do Norte 300 (demolida), construída pelo Sr. Joaquim José Bastos para sua residência e projetada por Edgar Nascentes Coelho, em abril de 1899, sendo, posteriormente, adquirida para residência do primeiro bispo da capital. Sua fachada é simples, mas imponente, e seu interior, bem cuidado;

5º) A casa da Rua Aimorés 1451, projeto de Joze Lapertoza e Victor Renault Coelho, apresentando trabalhos importantes de serralheria na escada e alpendre, forros trabalhados em seus vários cômodos, executados por Gabriel Galanti, a par de fachada cuidada e pinásios de inspiração *art nouveau* nas janelas.

Grande número de materiais construtivos, usados nas residências, eram importados: cimento da Bélgica (firma Charles Zins, Bruxelas), ferragens para esquadrias da Alemanha (Gebruder Dorken, Gevelsberg, Westfalia), tintas dos Estados Unidos (Patton Paint Co, Newark, New Jersey), azulejos da Bélgica (Odenthal & Cie, Bruxelas), Espanha (Butsens y Fradeza, Barcelona) e Holanda, equipamentos de banho dos Estados Unidos (G. F. Church Mfg Co, Massachusetts) e telhas de barro, planas, da França (St. Henry dos Irmãos Roux ou de Arnoud Etienne & Cie).